



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

JOGOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO CRÍTICA PARA TURMAS DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Francisco Henrique Santana Oliveira¹
Ladislau Pereira Neto²
Matheus Garcia Moreira³
Lucas Henrique de Souza Teixeira⁴
Alysson dos Anjos Silva⁵
Fernando Alves Pereira⁶

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Indígenas; Educação Física; Escola

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata a experiência com o tema “*jogos indígenas*”, desenvolvido pelo grupo do PIBID/Educação Física da UFLA, baseado em uma perspectiva de educação crítica, com turmas de sexto ano de uma escola pública no interior de Minas Gerais durante o segundo semestre de 2014.

JUSTIFICATIVA

Segundo as palavras do professor Tarcício Mauro Vago (2009, p.28), “escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, de usufruir, enfim, de praticar cultura”. No desenvolvimento dos jogos indígenas encontramos a possibilidade de (re) conhecer essa cultura, construindo e desconstruindo opiniões, instigando reflexões e promovendo debates.

OBJETIVOS

Como objetivos propomos ensinar jogos indígenas, trazendo dados históricos e sociais e discutindo similaridades e diferenças, instigando assim de forma crítica o reconhecimento dessa cultura.

METODOLOGIA

A primeira etapa consistiu em questionar os alunos sobre o que conheciam da cultura indígena nos mais variados aspectos, desde o nome das deidades, até o quanto essas culturas nos influenciaram reciprocamente.



Passamos em seguida para a realização de jogos mais comuns nas tribos indígenas. O *Jawarí* se assemelha com o futebol, porém ao invés dos pés é praticado com a cabeça, e a bola é substituída por um coco. No *Akô* os participantes dispostos em uma grande roda devem se esquivar das flechas lançadas pelos oponentes.

Logo foi percebido pelos alunos a necessidade de adaptar os jogos, sendo o coco e a flecha trocados por bolas. Depois de um tempo de prática, algumas dificuldades pediram mais alterações, como por exemplo as trombadas no *Jawarí* que acabaram por espantar as meninas. Então foi proposto por elas..proporam usar a cabeça para jogar o volei, apresentando dificuldade de jogar com a bola da modalidade substituímos por uma outra bem grande e leve.

No *akô*, os alunos identificaram sua semelhança com a queimada, então proporam a divisão em dois campos e dois grupos. Outro ponto foi tratar dos alunos que haviam sido queimados. Para que não houvesse exclusão a solução foi direcioná-los para a prática da percussão musical que acompanha os jogos dos índios. Também praticamos a peteca, os alunos não sabiam da sua origem indígena.

Finalmente, discutimos com os alunos sobre suas impressões e sentimentos. Observações sobre a prática foram registradas e analisadas a cada aula.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dentre os fatos mais marcantes pode-se destacar a apropriação pelos alunos da cultura indígena. Cultura essa da qual é costume, ao final dos jogos todos comemorarem independente da vitória. O que é bem diferente das experiências de outras práticas corporais presentes em nossa sociedade, nas quais sobressai a competitividade. Desta forma, concordamos com Vago (2009, p.39), ao afirmar que:

As danças, a ginástica, os jogos, as lutas, os brinquedos, as brincadeiras, a capoeira, nenhuma delas está imune a critérios perversos de organização. Assim, o desafio é ousar inventar na escola outros modos de praticar todas elas, imprimindo um caráter lúdico e solidário a elas (especialmente quando tudo parece nos empurrar para a formalidade das práticas, a sisudez e a competição).

Os alunos relataram ter gostado e se surpreendido com a criatividade e semelhança com as brincadeiras que praticaram, acessando uma cultura que não lhes é disponibilizada com frequência no cotidiano escolar.

Debatemos também as consequências do homem branco tomado como civilizado sobre a cultura indígena, a relação com o meio ambiente, suas relações interpessoais e necessidades vitais. As opiniões foram diversificadas e debatidas entre todos, sendo possível ao grupo de professores abordar o estranhamento de alunos e alunas diante dessa outra cultura.

CONCLUSÕES

Com base no posicionamento político demonstrado pelos alunos nas discussões, no estabelecimento de acordos, bem como a sensibilidade no que se refere a condição histórica e social das tribos indígenas, concluímos que a proposta obteve resultados satisfatórios na formação de sujeitos críticos e autônomos.

REFERÊNCIAS

BRASIL.[Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez. 1992.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 25-42, set. 2009.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/ PIBID, Programa de Bolsas de Iniciação a Docência.

FAPEMIG.

1 Professor de educação básica da Rede Estadual de Minas Gerais/ Supervisor PIBID, UFLA.Email: henriquesantana7@hotmail.com.

2 Licenciando em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras, (UFLA). Email: lnetoeffi@gmail.com

3 Licenciando em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras. Email: matheusgarcia_94@yahoo.com.br

4 Licenciando em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras. Email: lucashteixeira@bol.

5 Licenciando em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras. Email: alyssonufla@hotmail.com.

6 Licenciando em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras. Email: fernandoalves190@hotmail.com.